

DE CAMPOS LÉXICOS A CAMPOS TEMÁTICOS: UMA PROPOSTA DE
ANÁLISE LITERÁRIA
(FROM LEXICAL FIELDS TO THEMATIC FIELDS: A PROPOSAL OF LITERARY
ANALYSIS)

Nelson Luís RAMOS (UNESP/IBILCE)

ABSTRACT: Centered on Emiliano Pernetá's poetic work, this is an attempt at establishing and studying his thematic fields, starting from a survey of the main lexical fields of his poetic discourse.

KEYWORDS: Symbolism; notional word; lexical field; thematic field.

0. O interesse pela palavra

Tem razão Baudelaire, como lemos em Friedrich (1991:45), ao afirmar que “para se penetrar a alma de um poeta, tem-se de procurar aquelas palavras que aparecem mais amiúde em sua obra”, uma vez que “a palavra delata qual é sua obsessão”: pois as estas frases baudelairianas também fazem eco as de Friedrich (1991:45) quando ele mesmo diz que (neste caso, aplicando as palavras de Baudelaire ao próprio poeta francês) “a persistência de seus temas, poucos mas intensos, permitem deduzir os pontos centrais pelas palavras repetidas mais amiúde. Trata-se de palavras-chave (...)”. Isto também encontra ressonância em nosso estudo, justificando-o mais ainda, uma vez que nos servimos do levantamento das palavras nocionais – aquelas que verdadeiramente transmitem a concepção de mundo do poeta e do período a que este pertence – da obra de Emiliano Pernetá, simbolista paranaense, a fim de penetrar no seu universo poético e melhor apreendê-lo.

Um levantamento de vocabulário é essencial para qualquer tipo de aprofundamento que se pretenda fazer, pela facilidade de acesso a qualquer das partes constituintes da obra literária, bem como pelas variadas possibilidades de comparação que possibilita.

De uma listagem de vocábulos tais decorre um número muito significativo de campos léxicos – aqueles que reúnem em torno de uma noção todas as palavras que permitam definir-lhes a extensão e a compreensão, seguindo a lição de Genouvrier e Peytard (1974:318). Estes nos remetem aos vários campos temáticos como vemos na obra de Emiliano Pernetá: o da luminosidade, da visualidade, do ideal, da sensualidade, do sonho, da natureza, da vida, da morte, da fuga ou evasão, da religiosidade e tantos outros. É de alguns destes temas que trataremos neste trabalho.¹

¹ Com o intuito de evitar confusão ou dúvida com relação às palavras nocionais da obra do poeta paranaense, optamos, ao longo deste artigo, por representar os substantivos em redondo, os



1. Os campos temáticos em Emiliano Pernetá

A poesia de Emiliano compreende 4 obras, a saber: *Músicas* (1945), com 51 poemas; *Ilusão* (1966), com 102 poemas; *Pena de Talião* (1966); e *Setembro* (1966), com 31 poemas.

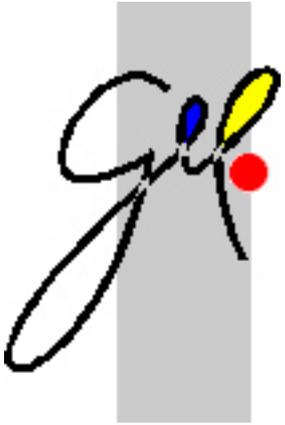
Observando-se os campos temáticos – ou seja, aqueles conjuntos de temas afins, que assinalam a preferência do poeta pela abordagem, em sua poesia, de determinadas áreas de sua mundividência – da obra de Emiliano, percebemos a presença mais vigorosa, mais extensa de alguns, como o da luminosidade, o da sensualidade, o da natureza exterior, do ideal, do sonho ou o da sensorialidade. Qualquer leitura de sua obra, por menos pretensiosa que seja, já nos remete para tal fato: não há como negar que Emiliano foi sobretudo um poeta da vida, que cantava a existência sob todas as formas e amava a vida como qualquer ser vivente. Não podemos, é óbvio, desprezar tais dados, já que são bastante reveladores dos anseios do poeta curitibano.

Se os campos temáticos caracterizam as linhas de força, as principais vertentes dominantes de uma obra poética, que melhor exemplo, em Pernetá, do que a “linha da sensorialidade”? Para abordá-la, podemos dividi-la pelos cinco sentidos, obtendo:

A Sensorialidade:

A Visão: *ver* (325, 2°), *flor* (129, 12°), *luz* (125, 13°), *dia* (112, 14°), *nu* (83, 22°), *olhar* (79, 25°), *belo* (71, 33°), *olho* (66, 40°), *olhar* (58, 53°), *lindo* (38, 80°), *sombra* (34, 93°), *azul* (32, 99°), *pálido* (32, 100°), *cheio* (31, 104°), *grande* (31, 106°), *profundo* (31, 107°), *tamanho* (31, 108°), *gesto* (29, 112°), *verde* (28, 123°), *beleza* (27, 129°), *branco* (27, 132°), *parecer* (27, 136°), *pérola* (26, 143°), *encontrar* (22, 185°), *achar* (21, 191°), *fulgir* (21, 192°), *sombrio* (20, 200°), *azul* (19, 208°), *cor* (19, 209°), *claro* (19, 214°), *brilhar* (18, 226°), *nudez* (17, 234°), *cego* (17, 241°), *longo* (17, 243°), *alto* (16, 264°), *escuro* (16, 266°), *brilho* (15, 272°), *espaço* (15, 275°), *dourado* (15, 282°), *raio* (14, 306°), *límpido* (14, 311°), *louro* (14, 312°), *púrpura* (13, 325°), *formoso* (13, 331°), *mostrar* (13, 337°), *transformar* (13, 338°), *estátua* (11, 370°), *maior* (11, 393°), *luminoso* (10, 428°), *radioso* (10, 430°), *vasto* (10, 434°), *aparecer* (10, 437°), *existir* (10, 441°), *ler* (10, 442°), *procurar* (10, 444°), *esplendor* (9, 454°), *fulgor* (9, 456°), *feio* (9, 477°), *horrendo* (9, 478°), *negro* (9, 479°), *obscuro* (9, 480°), *vermelho* (9, 485°), *paisagem* (8, 511°), *treva* (8, 519°), *rubro* (8, 524°), *reluzir* (8, 537°), *resplandecer* (8, 538°), *cena* (7, 548°), *espelho* (7, 551°), *forma* (7, 554°), *formosura* (7, 555°), *imagem* (7, 556°), *louro* (7, 560°), *perfil* (7, 567°), *vista* (7, 576°), *igual* (7, 580°), *róseo* (7, 588°), *aspecto* (6, 617°), *chama* (6, 620°), *diamante* (6, 626°), *neve* (6, 643°), *safira* (6, 657°), *alvo* (6, 664°), *magnífico* (6, 682°), *medonho* (6, 683°), *vivo* (6, 690°), *apagar* (6, 694°), *iluminar* (6, 710°), *surgir* (6, 715°), *clarão* (5, 725°), *claridade* (5, 726°), *irradiação* (5, 747°), *névoa* (5, 752°), *áureo* (5, 774°), *celestes* (5, 775°), *crepuscular* (5, 779°), *etéreo* (5, 784°), *horrível* (5, 788°), *enxergar* (5, 817°), *refletir* (5, 827°).

adjetivos em itálico e os verbos sublinhados. Quanto aos números entre parênteses, estes indicam, em primeiro lugar, a frequência de cada vocábulo (substantivo, adjetivo ou verbo) empregado por Emiliano na construção de sua poesia, e, em seguida, a relação final dos mesmos, por frequência decrescente



O Paladar: *doce* (73, 31°), *sentir* (70, 35°), boca (32, 96°), *beber* (25, 155°), *doçura* (24, 159°), *fome* (18, 218°), *delicioso* (16, 265°), *veneno* (14, 310°), *pão* (13, 323°), *sede* (13, 326°), *gelado* (12, 353°), *suave* (11, 396°), *arder* (11, 399°), *embriagar* (11, 403°), *fel* (10, 414°), *ardor* (7, 547°), *sabor* (6, 656°), *comer* (6, 696°), *amargo* (5, 772°), *saboroso* (5, 794°).

O Tato: *sentir* (70, 35°), *mão* (67, 37°), *bater* (40, 76°), *veludo* (29, 115°), *frio* (27, 133°), *tocar* (20, 205°), *ardente* (19, 213°), *palma* (12, 347°), *febril* (12, 352°), *gelado* (12, 353°), *suave* (11, 396°), *rijo* (7, 587°), *queimar* (7, 606°), *arminho* (6, 616°), *delicado* (6, 670°), *macio* (6, 681°), *frescor* (5, 742°), *áspero* (5, 773°), *roçar* (5, 829°).

O Olfato: *sentir* (70, 35°), *aroma* (21, 188°), *perfume* (18, 220°), *suave* (11, 396°), *embriagar* (11, 403°), *perfumar* (11, 406°), *aspirar* (10, 438°), *olor* (9, 468°), *essência* (7, 552°), *perfumado* (6, 686°), *cheiroso* (5, 776°).

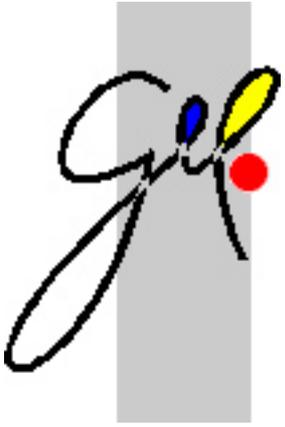
A Audição: *ouvir* (62, 47°), *voz* (49, 58°), *cantar* (43, 72°), *rir* (41, 75°), *falar* (38, 82°), *chamar* (32, 102°), *escutar* (26, 147°), *silêncio* (25, 154°), *soluçar* (25, 157°), *vibrar* (21, 193°), *palpitar* (17, 250°), *som* (16, 261°), *riso* (15, 280°), *rugir* (15, 291°), *canção* (14, 296°), *raio* (14, 306°), *ouvido* (13, 322°), *mudo* (13, 334°), *sonoro* (13, 335°), *canto* (12, 341°), *grito* (10, 415°), *solução* (10, 421°), *pranto* (7, 568°), *sussurro* (7, 571°), *uivo* (7, 573°), *rouco* (7, 589°), *silencioso* (7, 591°), *surdo* (7, 593°), *choro* (6, 622°), *cigarra* (6, 623°), *gorgeio* (6, 635°), *suspiro* (6, 658°), *calar* (6, 695°), *gritar* (6, 709°), *clarim* (5, 727°), *ressoar*, (5, 828°).

Destes, um mostra-se particularmente interessante, em virtude do grande número de vocábulos que o compõem, destacando-se claramente em relação aos outros. O campo da visão, que optamos por chamar de “linha da visualidade”, como também poderia ser “da contemplação”, aproxima-se da postura pagã, concreta, contemplativa, tão forte em Perneta, encontrando-se, sob o nosso ponto de vista, intimamente ligada ao campo da “luminosidade” (já citado), como um complemento do mesmo.

O que se poderia esperar de alguém que vive ansioso pela luz, pela presença do sol, e que busca a beleza, e a visão das transcendências, que age como o espectador que não faz mais que contemplar a cena que se descortina a seus olhos? Visão e luminosidade se entrelaçam, se completam, se reforçam. A força desta linha se justifica principalmente se considerarmos apenas os dois verbos relacionados mais estreitamente à mesma: *ver* (o 2º vocábulo mais empregado por Emiliano ao longo de sua obra) e *olhar*. Apresentaremos apenas alguns dos inúmeros exemplos onde tais verbos se sobressaem, já demonstrando sua importância para caracterizar a poesia de Perneta:

Não quero conhecer o mal, não quero vê-lo; (1966:38)

Em que do alto de uma torre côr de rosa,
Novo rei Salomão, êle, um dia, verá,



Entre poeira e sol, ao longe, a caravana,
Onde em meio d'um régio esplendor, que se ufana,
Fulge o diadema da rainha de Sabá? (1966:39)

Ó delírio de ver palácios com escudo,
Reinos antigos com torreões de marfim! (1966:42)

Sem ambições jamais do que não vi. (1966:61)

E vê-la nua! Eu só compreendo estátua nua! (1966:73)

Apoiando-nos neste último exemplo, ressaltamos que em Emiliano a necessidade de partir do concreto, daquilo que vê, é condição essencial para poder almejar, em seguida, a subida, a transcendência.

No último poema de *Setembro*, “Vamos!”, a visão do dia que chega, trazendo consigo o sol e a vida, é festejada com alegria, como exclama um pastor:

Mas que vejo, Senhor, lá vem rompendo a aurora! (1966:254)

A linha de força da “visualidade”, tão forte na poesia de Pernetá, como se desprende de alguns exemplos que acompanhamos, vem secundada por outra, que é a da “audição”: esta assume um grande papel na medida em que é elemento integrante e um instrumento que auxilia na percepção, por parte da visão, do mundo que rodeia o poeta. Sua importância é tanto maior quanto um simples exame de sua lista de frequência na obra do escritor curitibano é capaz de demonstrar.

Além do mais, a audição também vem marcada pelo “ideal” tão cantado pelo poeta, presente em certos trechos como este em que aquela mesma luz já descrita é vista

Como a sonora luz de Vênus Afrodita, (1966:131)

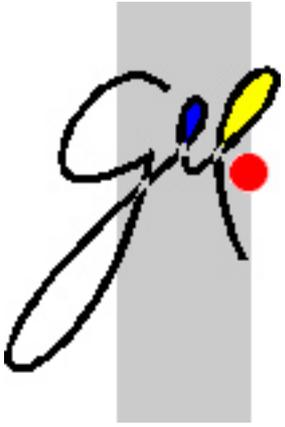
Imagem que também reaparece, acompanhada de um canto, de um som ao mesmo tempo harmonioso e suave:

E que estranha delícia, e que ventura aquela,
Quando, bem cedo, o sol saltando-me à janela

Vinha cobrir de luz sonora, como um hino,
De gorgieios de luz, meu quarto pequenino... (1966:221)

Os sons também concorrem, numa “estranha sinfonia doida” – no dizer do próprio Emiliano –, para a embriaguez dos sentidos, numa explosão de gozo e de vida que caracteriza sua poesia, reforçando também uma certa linha da “sensualidade”, como demonstra esta passagem de “Súplica de um fauno”, de *Ilusão*:

E que algazarra vã daquela juventude,



Ouvindo Pan soprar na sua flauta rude, (1966:81)

Este mesmo verbo *ouvir*, pouquíssimo presente em *Setembro*, encontra sua plena ressonância em *Músicas* (bem como em *Pena de Talião* e em *Ilusão*), acompanhado de outros que reforçam o seu sentido:

Chamaste-me e eu segui o teu chamado,
Segui-o, errando, por caminho incerto,
Atraído do cântico sagrado
Que era longínquo e que eu ouvia perto. (1945:123)

Acorda... dentro, sob o céu tranqüilo,
Minha flor,
Ouve-se um canto, acorda, vem ouvi-lo,
Acorda... dentro, sob o céu tranqüilo,
Cantam teu próprio amor! (1945:162)

Seguindo em nossa busca de campos temáticos, percebemos que a religiosidade também é uma presença de peso na poesia de Emiliano, como já haviam afirmado outros críticos. Se boa parte de *Ilusão* é marcada pelo Decadentismo, a religiosidade também é uma constante percebida ao longo da mesma e das obras seguintes, *Pena de Talião* e *Setembro*. Mas ela vem mesclada de cristianismo e de paganismo, e, ainda que seja grande o número de exemplos de poemas em que a marca cristã (e católica, mais precisamente) possa ser facilmente percebida, somos levados a crer que a religiosidade da obra de Pernetta tenda para o lado do paganismo.

Sua atitude de contemplador da natureza, a marca de sensualidade tão constante, a busca de um ideal como ânsia de perfeição – a mesma procurada pelos gregos clássicos –, a própria luz, tão comum em sua obra, elemento que se identifica ao pensamento racional dos gregos, a presença de um componente de certa forma epicurista, a sua maneira de representar a natureza, a um tempo sensual e ideal, numa explosão de vida, embriagada pela presença da luz, a grande alusão aos míticos personagens greco-romanos, aos deuses principalmente, tantos são os fatores que nos levam a ver a poesia de Emiliano assumindo uma postura religiosa tipicamente grega na maneira de encarar a vida e os acontecimentos cotidianos.

Assim se apresenta o campo léxico da “religiosidade” em Emiliano:

A Religiosidade: luz (125, 13°), vida (89, 19°), coração (88, 20°), sol (79, 23°), *bom* (79, 24°), deus (78, 26°), céu (75, 28°), alma (59, 50°), senhor (46, 64°), morrer (43, 73°), crer (40, 77°), bem (34, 88°), esperança (28, 117°), glória (26, 139°), morte (26, 141°), destino (25, 151°), paz (25, 153°), natureza (22, 180°), ser (18, 221°), *divino* (17, 242°), *eterno* (15, 283°), *bendito* (13, 328°), piedade (11, 382°), adorar (11, 398°), fé (10, 413°), *imortal* (10, 427°), *supremo* (10, 433°), acreditar (10, 436°), rezar (9, 494°), demônio (8, 500°), treva (8, 519°), *santo* (8, 525°), anjo (7, 546°), essência (7, 552°), pai (7, 565°), abençoar (7, 594°), bendizer (7, 597°), abade (6, 610°), espírito (6, 630°), existência (6, 631°), igreja (6, 636°), *infernai* (6, 677°), louvar (6, 712°), além (5, 718°), cruz (5, 732°),



diabo (5, 737°) repouso (5, 762°), verdade (5, 770°), *celeste* (5, 775°), *etéreo* (5, 784°), confessar (5, 806°).

A religiosidade em Alphonsus de Guimaraens, por exemplo, chega a ser “carola”, muito devota, com a presença do catolicismo muito forte. Tanto nele quanto em Cruz e Sousa há um grande emprego de elementos da liturgia cristã e católica, que correspondem a uma submissão à visão de mundo cristã, esta, por sua vez, inserida nas próprias raízes do Simbolismo. Em Emiliano isto praticamente inexistente, sua nota personalíssima se faz perceber por toda sua obra, destacando-se e diferenciando-se dos simbolistas em geral, nele sendo um sinônimo de exaltação à vida, de alegria de viver.

2. A pertinência do levantamento de vocabulário e do estudo de campos temáticos

Este estudo não se esgota aqui: é apenas o começo de um trabalho que pode trazer à luz muitos outros aspectos importantes da poesia de Pernetta, como a afetividade, a arte, a intelectualidade, a luminosidade, o sonho, o ideal, entre tantos outros que já citamos.

Percebe-se, por nosso trabalho, a necessidade de levantamentos de vocabulário como o que tornou viável a composição dos campos temáticos da obra de Pernetta, pelas variadas possibilidades de comparação que facultariam, dando condições para a detecção de preferências de subgrupos e, mesmo, escolhas individuais. A identificação dos parentescos entre os levantamentos vocabulares individuais deve revelar o vocabulário simbolista por excelência, pelo qual se penetrará com mais facilidade na própria cosmovisão simbolista.

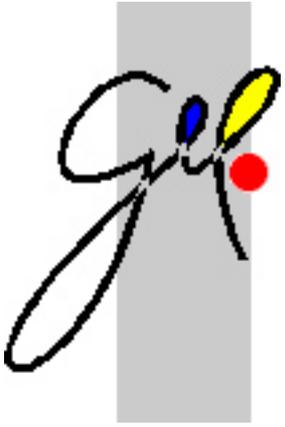
Ao longo deste artigo fica clara a importância do estudo de campos temáticos e o que eles possibilitam, ressaltando, porém, que o estudo dos temas ou dos campos temáticos não é uma atividade fechada em si mesma, mas uma entre as variadas formas de abordar o texto literário e contribuir para a sua análise e interpretação. A partir do momento em que, por via do vocabulário, começamos a estabelecer e analisar os campos temáticos da obra de Emiliano, avançamos mais um passo na tentativa de entendê-la em sua integridade e complexidade.

RESUMO: Centrado na obra poética de Emiliano Pernetta, busca-se estabelecer e estudar os campos temáticos, a partir de um levantamento dos principais campos léxicos de seu discurso poético.

PALAVRAS-CHAVE: Simbolismo; palavra nocional; campo léxico; campo temático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. Trad. M. M. Curioni e D. F. da Silva. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1991.
- GENOUVRIER, Émile, PEYTARD, Jean. *Linguística e ensino do português*. Trad. R. Ilari. Coimbra: Almedina, 1974.



PERNETA, Emiliano David. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1945.
2v.
_____. *Ilusão e outros poemas*. Organizado por Tasso da Silveira. Rio de Janeiro: GRD,
1966.